

A disciplina positiva como método no desafio de educar sem violência

Positive discipline as a method in the challenge of educating without violence
La disciplina positiva como método en el desafío de educar sin violencia

Mariana Souque Soares
Rudielly Moraes Machado Marques
Letícia Soares
Janaína Pereira Pretto Carlesso

Resumo: Esta pesquisa teve o objetivo de responder se a disciplina positiva é uma alternativa eficaz na educação sem violência. A pesquisa foi de abordagem qualitativa e o tipo de estudo bibliográfico. A disciplina positiva afirma que para ocorrer um neurodesenvolvimento saudável é necessário que haja um equilíbrio entre permissividade e rigidez e controle. Assim as crianças têm a oportunidade de desenvolvimento na vida social e construção da sua formação de caráter e isso se dá dentro de um ambiente onde se obtém gentileza, firmeza, respeito e dignidade. Pressupõe que a maioria dos pais deseja para seus filhos qualidades essenciais para que sejam adultos responsáveis e bem desenvolvidos emocionalmente. Apesar de ter sido encontrado que é convincente o uso de punições e violência para solucionar o mau comportamento, esse tipo de prática forma adultos inseguros e infelizes e não possui benefícios a longo prazo.

Palavras-chave: Desenvolvimento psicológico; Disciplina positiva; Educação familiar; Infância; Não-violência.

Abstract: This research aimed to answer whether positive discipline is an effective alternative in education without violence. The research was of a qualitative approach and the type of bibliographic study. Positive discipline states that for healthy neurodevelopment to occur, there must be a balance between permissiveness and rigidity and control. Thus, children have the opportunity to develop in social life and build their character formation and this takes place within an environment where kindness, firmness, respect and dignity are obtained. It assumes that most parents want their children to have essential qualities so that they are responsible adults and emotionally well developed. Although it has been found that the use of punishment and violence to solve bad behavior is convincing, this type of practice makes unsafe and unhappy adults and has no long-term benefits.

Keywords: Psychological development; Positive discipline; Family education; Childhood; No violence.

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo responder si la disciplina positiva es una alternativa eficaz en la educación sin violencia. La investigación fue de enfoque cualitativo y del tipo de estudio bibliográfico. La disciplina positiva establece que para que ocurra un neurodesarrollo saludable, debe haber un equilibrio entre la permisividad y la rigidez y el control. Así, los niños tienen la oportunidad de desarrollarse en la vida social y construir la formación de su carácter y esto se da en un entorno donde se obtiene amabilidad, firmeza, respeto y dignidad. Se asume que la mayoría de los padres quieren que sus hijos tengan cualidades esenciales para que sean adultos responsables y estén bien desarrollados emocionalmente. Si bien se ha



comprovado que el uso del castigo y la violencia para solucionar el mal comportamiento es convincente, este tipo de práctica convierte en adultos inseguros e infelices y no tiene beneficios a largo plazo.

Palabras clave: Desarrollo psicológico; Disciplina positiva; Educación familiar; Infancia; Sin violencia

Introdução

100

O presente artigo propõe a relevância da disciplina positiva como método alternativo ao uso de violência na educação de crianças. É muito comum ouvir de pais e cuidadores, que são adeptos das “palmadas” como método de educação, que eles sempre apanharam e não morreram. Muitos, inclusive, por terem sido educados dessa forma e por não buscarem formas mais respeitadas de educação e disciplina não conhecem outro modo que possa ser considerado eficaz.

Há diversas práticas parentais que são utilizadas na educação das crianças e não apelam para o uso de violência e agressão, como a criação com apego, o método baseado na obra de Maria Montessori e a disciplina positiva, baseada em firmeza e gentileza ao mesmo tempo.

Entretanto, ainda é muito comum o uso de agressões físicas, castigos, gritos e ameaças no intuito de educar crianças. Com isso, considera-se importante pensar a respeito das práticas parentais e na sua eficácia para a formação de crianças e adultos responsáveis. É notório certo desafio por parte de pais e educadores para a educação sem violência, seja por uma questão histórico-cultural, seja pelo comodismo no ato de educar.

Sendo assim, a pesquisa responde ao seguinte questionamento: a disciplina positiva é uma alternativa eficaz na educação sem violência? Assim, o objetivo geral do artigo é propor a relevância da disciplina positiva como método alternativo ao uso de violência na educação de crianças, identificando os impactos da educação violenta no desenvolvimento infantil; descrevendo os principais desafios para a educação sem uso de violência, baseada no respeito; demonstrando os benefícios da disciplina positiva como método eficaz de educação, em substituição aos métodos violentos e autoritários.

A educação sem violência é um tema relevante para a Psicologia, pois está diretamente relacionado ao desenvolvimento biopsicossocial da criança



desde a primeiríssima Infância (da gestação até os três anos) e impacta em sua adolescência e vida adulta em diferentes aspectos. Na função de orientação às famílias e educadores, a Psicologia tem o desafio de promover a conscientização para uma educação respeitosa e não violenta, sabendo-se que ainda permanece, em muitas famílias, uma cultura oposta, fundamentada em castigos físicos e outros tipos de agressão. Sendo assim, explorar a importância da disciplina positiva e na educação baseada em compreensão de consequências dos comportamentos e não em punições pode contribuir para a formação de indivíduos que sabem lidar melhor com suas emoções, além da redução da violência nas famílias e, conseqüentemente, na sociedade em geral.

Metodologia

A pesquisa foi de abordagem qualitativa e o tipo de estudo bibliográfico. O estudo bibliográfico consiste em um trabalho de investigação minuciosa na intenção de responder um problema de pesquisa, ou seja, busca-se em livros, artigos e sites de internet o conhecimento para a base da pesquisa (PIZZANI et. al., 2012). Já a abordagem qualitativa diz respeito à pesquisa onde a fonte de coleta de dados é o próprio ambiente natural (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O planejamento da pesquisa se deu a partir de uma proposta de escrita para a disciplina de Escrita Científica e Pesquisa em Psicologia do 2º semestre do curso de Psicologia da Universidade Franciscana no ano de 2020. A partir da proposta, iniciou-se a coleta e análise de dados em abril do mesmo ano.

Para chegar à resposta do problema, foram utilizados livros que abordam a temática, bem como artigos disponibilizados na internet. O critério utilizado para a escolha dos livros e artigos foi que abordassem, principalmente, a metodologia de educação proposta por Jane Nelsen intitulada Disciplina Positiva. Além disso, buscou-se, para fins de contextualização do tema, artigos que tratassem de violência no contexto familiar e estilos parentais de educação. As pesquisas foram realizadas através de livros em meio físico e eletrônico e da base eletrônica de dados *Scielo*, *Google Acadêmico*, repositório



de teses e dissertações das universidades, *Bireme* e *Pepsic*, a partir das seguintes palavras chaves: educação familiar, infância, disciplina positiva, não violência, educar sem violência, educação psicológica e estilos parentais.

Os impactos da violência no desenvolvimento infantil

102

O ambiente familiar é o primeiro contato social da criança e é responsável pelos cuidados e afetos necessários ao seu desenvolvimento, especialmente na Primeira Infância, período também chamado de “fase sensível”, que vai da gestação aos seis anos de idade. Dessa forma, as experiências vividas no contexto familiar são cruciais para o desenvolvimento adequado das crianças, influenciando em diversos aspectos socioemocionais e cognitivos (MACANA; COMIM, 2015, p.35).

Há, normalmente, situações estressantes que permeiam o contexto familiar, sendo que essas situações geram respostas do organismo conforme a necessidade do momento. Porém, contextos familiares envolvendo abusos, violência de diferentes tipos como física ou emocional, abusos e negligência geram respostas excessivas, causando consequências psicobiológicas fortemente prejudiciais ao indivíduo.

Esse tipo de estresse é considerado tóxico, é crônico e seus efeitos, verificados a partir de testes neuropsicológicos, são prejuízos nas funções cognitivas, como memória, funções executivas, atenção, psicomotricidade, linguagem, atenção e aprendizagem, além de problemas de comportamento. Além disso, havendo um histórico de experiências tóxicas, as crianças tem seu mecanismo de reconhecimento de expressões faciais alterado, o que as leva a uma hipersensibilização à raiva, prejudicando sua percepção de emoções nos outros e, conseqüentemente, afetando de forma negativa seus relacionamentos e interações sociais (BOECKEL et al., 2016, p.256). Segundo Horta (2016), esses contextos familiares de abusos e maus tratos também são responsáveis por problemas no desenvolvimento da área do cérebro ligada à tomada de decisão - o córtex pré-frontal.

Para Sena e Mortensen (2015), há um tipo de violência que, muitas vezes, é ignorada por não ser aparente: a violência emocional. Esta também



causa grande impacto no desenvolvimento da criança e a longo prazo, pois afeta sua autoestima e seu reconhecimento como ser de direitos, merecedora de respeito. As autoras comentam sobre uma meta-análise realizada em 2012 por Durrant e Ensom, em que se propõe que quando é utilizada a punição física como meio de educação, há um aumento nos índices de violência infantil (podendo levar à prática de *bullying*), além de problemas psicológicos e de comportamento na vida adulta, como abuso de drogas, ansiedade, depressão, melancolia, sendo também menos tolerantes e demonstrando menos paciência. Além disso, por terem sido disciplinados à base de violência, esses sujeitos podem vir a serem inseguros, instáveis, carentes e considerar normal que o amor seja expresso por meio de violência, levando-os a permanecerem em relacionamentos abusivos.

Não é razoável supor que basta atender a suas necessidades físicas – fome, higiene, sono etc. – enquanto se desconsideram e ignoram seus estados emocionais. E é isso o que fazemos quando, embora atentos às suas necessidades físicas imediatas, infligimos dor, humilhamos e confundimos. Dor, humilhação e confusão mental são estados associados ao uso das palmadas (SENA; MORTENSEN, 2015, p.16).

É importante conhecer as fases do neurodesenvolvimento, principalmente no período sensível, a fim de compreender que os diferentes comportamentos de uma criança refletem suas necessidades e, dependendo da fase em que se encontra, ela não tem aparato cognitivo para expressar-se com a fluência de um adulto, dizendo, por exemplo, “estou frustrado”, ou “estou com sono, mas não quero dormir”. Ou seja, comportamentos, como, por exemplo, a birra numa criança de dois anos, nada mais são que falta de maturidade emocional e neurológica, segundo Lacerda ([2019?], p.38).

Sena e Mortensen (2015, p.29) endossam esse ponto, dizendo que “crianças passam por fases de afirmação de personalidade e de conquista de espaço no mundo” e, para isso elas vão testar os limites impostos, pois anseiam por conhecer os limites do espaço do mundo que as rodeiam. Se durante esses testes elas são repreendidas com palmadas ou xingamentos, além de não aprenderem sobre os limites e consequências de seus atos, vão



cada vez mais naturalizando a violência e opressão nos seus relacionamentos ao invés de fortalecerem ainda mais os vínculos familiares.

Estudos da neurocientista Elizabeth Gershoff encontraram evidências, ao observar mais de três mil crianças, que a prática da violência através de palmadas é suficiente para invalidar os efeitos do amor e empatia nessas famílias (SENA; MORTENSEN, 2015, p.42).

Apesar de todos os efeitos causados no desenvolvimento das crianças, não se pode dizer que a punição não funciona. O problema é que isso se dá apenas momentaneamente, ou seja, a criança vai “obedecer” por medo de apanhar. E esse comportamento pode gerar um ou mais dos quatro R da punição:

1. Ressentimento – “Isso não é justo. Eu não posso confiar nos adultos.”
2. Retaliação – “Eles estão ganhando agora, mas eu vou me vingar.”
3. Rebeldia – “Eu vou fazer exatamente o contrário para provar que eu não tenho que fazer do jeito deles.”
4. Recuo
 - a. Dissimulação – “Eu não vou ser pego da próxima vez.”
 - b. Redução da autoestima – “Eu sou uma pessoa ruim.” (NELSEN, 2016, p.40).

Segundo Nelsen (2016, p.41), “crianças não desenvolvem características positivas baseadas em sentimentos e decisões subconscientes que resultam da punição”. Muitos pais e educadores consideram que as crianças só aprenderão o que é correto se forem punidas, comparando punição com disciplina, mas apenas encontrando uma motivação interna e não externa, como é a punição, será possível aprender a autodisciplina. Macana e Comin (2015) chamam essas imposições externas e punições de “disciplina de contingência coercitiva”.

Sendo assim, entender os impactos da violência, abusos e maus tratos no neurodesenvolvimento infantil, especialmente no período sensível, é fundamental para que se possa buscar métodos e estratégias mais eficientes de educação e disciplina, a fim de que seja possível haver indivíduos bem desenvolvidos cognitivamente e socioemocionalmente ao longo de toda sua vida.



No Brasil, em junho de 2014, foi sancionada a Lei 13.010 conhecida como “Lei Menino Bernardo” (BRASIL, 2014), nesse esforço de evitar situações de abusos e maus tratos às crianças no ambiente familiar e em outros espaços de socialização. Há também uma rede chamada “Não bata, eduque”, que informa que 52 países no mundo também providenciaram leis com esse objetivo, salientando a importância do respeito na educação infantil.

Desafios para educar sem o uso da violência

Estilos parentais: autoritário, permissivo e negligente

Os estilos parentais representam as bases da educação e da personalidade dos seus filhos influenciadas pelos contextos em que os pais se desenvolveram de acordo com suas relações contextuais, explicadas pelo ambiente de trabalho, condições financeiras, relações conjugais, entre outros aspectos que modificam a maneira com que a educação será aplicada.

Porém, mesmo considerando que estas relações sejam constituídas de forma variada, ao analisar o comportamento e o desenvolvimento da criança, podemos classificá-las entre quatro definições de estilos parentais: os pais autoritários, autoritativos, permissivos e negligentes.

Pais autoritários: são aqueles caracterizados pela rigidez nas regras que aplicam, esperando obediência absoluta da criança de modo isento de questionamentos. Creem que a criança obedece ao aceitar os princípios e regras, constituídos em caráter disciplinador.

As crianças que habitam neste domínio tendem a aparentar temperamentos de tristeza, infelicidade, irritabilidade e timidez, podendo também apresentar sinais de falta de autoconfiança e desencadear um comportamento rebelde e antissocial.

Pais autoritativos: se notabilizam por respeitar a tomada de decisão de cada um dos seus filhos, permitindo com que eles se desenvolvam de forma diferente. Ainda que apliquem regras e princípios para auxiliar em suas condutas, permitem com que os filhos possuam determinada arbitrariedade. Os pais autoritativos são responsáveis e exigentes, porém, aqui a disciplina é



diagnosticada através do amor e carinho ao educar, pois para eles, os trarão resultados benéficos aos filhos. Nesta linha, o estilo parental autoritativo, geralmente está atrelado a crianças com autoestima elevada, autônomas, curiosas, assertivas, etc.

Pais permissivos: se caracterizam por adotarem uma linha mais compreensiva e tolerante, onde os atos punitivos são pouco utilizados, também preferem o estabelecimento de regras e princípios, assim como algumas restrições. Permitem com que a crianças regulem parcela do seu comportamento, tomando grande parte de suas próprias decisões. No entanto, os pais permissivos pouco aplicam na prática as suas regras nos casos de má obediência, pelo qual pouco resultará em cobranças ou punições.

Isto é, nestes casos os filhos tendem a aprender com os erros ao longo da própria vida, mas não por cobrança direta advinda verticalmente pelos seus próprios pais. Em outras palavras, os pais tendem a se comportar de forma receptiva aos desejos, e não punitivos aos seus desvios.

Os pais negligentes: atribuem-se aos pais negligentes o caráter não exigente e não responsivo, em que são considerados pais ausentes ao permitir com que a criança se desenvolva independentemente de seus anseios e condutas. Este é o caso com que decorre os maiores efeitos negativos sobre as crianças já que elas não recebem a devida atenção necessária para tornarem-se adultos responsáveis.

Pela falta de frustração durante o seu desenvolvimento gerando como resultado um adulto com baixa tolerância e frustração.

Ciclo da violência

Nelsen (2016) diz que ninguém precisa dizer a um adulto como usar a punição: simplesmente se sabe o que fazer, afinal, a punição é uma resposta instintiva, é uma reação quase natural, em oposição às habilidades e esforços que precisam ser desenvolvidos para a prática de uma disciplina eficiente. E quando esses adultos foram educados e disciplinados com essa base de violência e maus tratos, tal como os que dizem “sempre apanhei e não morri”, esse é o padrão que eles conhecem e, a não ser que haja um forte empenho



de busca de aprendizado de novos métodos não violentos, esse padrão tende a ser repetido.

É importante mencionar o seguinte: a qualidade do vínculo entre pais e filhos pode ser duplamente influenciada, em razão do tipo de cuidado parental que se escolhe praticar. O que isso quer dizer? Simples: pais que praticam uma educação violenta, que usam palmadas e outras práticas opressoras e agressivas, estabelecem com seus filhos um vínculo inseguro e nada sadio. Essa insegurança do vínculo leva os próprios pais a aceitar, cada vez mais facilmente, a violência como forma de educação. Enquanto isso, as crianças, pouco vinculadas positivamente com seus pais, podem se tornar mais difíceis, menos comunicativas, mais suscetíveis a comportamentos explosivos ou a crises comportamentais. Isso incita ainda mais a violência dos pais, estabelecendo um círculo vicioso extremamente prejudicial e perigoso. Se analisarmos ainda mais profundamente, o vínculo inseguro estabelecido nesse tipo de relação parental não se limita apenas a esse universo imediato, formado pelos pais e pelo filho. Ele se perpetua na aceitação da violência por essa criança, que, caso não encontre outros modelos de cuidado ao longo da vida, tem grandes chances de se tornar um adulto que aceite a violência como forma de interação e, conseqüentemente, de estabelecer novos vínculos inseguros com as pessoas ao seu redor – com seus possíveis filhos também (SENA; MORTENSEN, 2015, p. 21).

Difícilmente pais violentos se reconhecem como tal. Por estarem corrigindo os filhos, consideram que estão, na verdade, demonstrando amor, mesmo que a disciplina seja efetuada na forma de palmadas (quando não utilizam instrumentos ainda mais dolorosos). Mas assim como as crianças não tem maturidade neurológica suficiente para saberem responder adequadamente, adultos que utilizam-se das diversas formas de agressão contra uma criança (ou outros adultos, também), estão atestando sua incapacidade de controle dos próprios instintos. É necessário refletir sobre as próprias emoções a fim de poder lidar com os instintos primitivos e fazer sobressair a racionalidade, ou seja, pensar sobre o comportamento dos filhos e agir de forma adequada e mais tolerante, não sendo permissivo, mas “lendo” a situação da forma mais apropriada e respondendo de acordo (SENA; MORTENSEN, 2015, p.44).

A tendência quando se utiliza a punição como método de disciplina é que, desenvolvendo o sentimento de vingança ou retaliação, a criança continue



se comportando de maneira diferente (diga-se, pior) que o esperado pelos pais, o que os leva a adotarem medidas ainda mais violentas, pois consideram que o castigo anterior não foi suficiente ou foi muito leve (Nelsen, 2016, p.129).

Outro ponto que deve-se considerar é o tipo de relação intrafamiliar que se propõe. Há algumas poucas décadas, os relacionamentos conjugais e entre pais e filhos era baseado em dominação-submissão. Não se ousava questionar o homem da casa (esposo e/ou pai), o que era socialmente aceitável (NELSEN, 2016, p.30). Lacerda ([2019?], p.17) questiona: “se apoiamos tanto a igualdade entre nós adultos de diversas formas, por que desejamos que a criança permaneça submissa a nós?”. E Daniel Becker, pediatra criador da Pediatria Integral, diz no prefácio do livro *Educar sem violência: criando filhos sem palmadas*:

Se queremos a redução da desigualdade, precisamos de crianças que vivenciem o amor e a não violência. Se no futuro teremos que cuidar melhor uns dos outros, defender a justiça social, é preciso que ensinemos a nossos filhos, agora, formas de relações mais amorosas e não violentas. É preciso que saibam respeitar o outro, negociar com cuidado, chegar até ele com empatia para trazê-lo, com argumentos racionais e afeto, a um lugar de consenso. (SENA; MORTENSEN, 2015)

Razões para a não adoção da disciplina positiva como método de educação infantil

Rigidez x permissividade

Segundo Nelsen (2016, p.39), “muitos adultos se recusam a desistir de suas tentativas de controlar excessivamente por causa de sua crença equivocada de que a única alternativa é a permissividade”.

Muitos adultos não possuem uma boa referência de pais que eduquem seus filhos de forma gentil, mas firme ao mesmo tempo. Em geral, principalmente os que foram criados por pais autoritários, acreditam que autoritarismo é sinônimo de firmeza – o que não é verdade, além de pensarem que falar gentilmente com os filhos é sinal de “falta de pulso firme”.

É necessário ampliar o conhecimento por meio de estudos, livros, educadores reconhecidos, outros pais que estão em busca de entender e



mudar seu próprio comportamento e até mesmo realizar psicoterapia, dependendo da dificuldade encontrada em si mesmo, a fim de que se possa encontrar o equilíbrio para poder educar seu filho de forma eficaz.

“Conversa não funciona”

109

Segundo Sena e Mortensen (2015, p.23), “muitos pais alegam que usam a palmada “em último caso”, quando a conversa já não surte efeito ou quando as crianças estão em processo de birra, para dar um susto e suspender, assim, aquele comportamento”.

Pode, inclusive, haver piora no comportamento da criança a curto prazo quando os pais migram dos métodos punitivos para a Disciplina Positiva, pois leva um tempo para que a criança entenda que está havendo uma alteração na forma com que seus pais a educam. É importante que os pais reflitam sobre o “limite atingido”, ou seja, quantas conversas são consideradas válidas ou necessárias para que se possa verificar se a criança conseguiu absorver o conceito e a intenção do que está sendo ensinado. Um adulto com baixa tolerância à frustração certamente não vai aceitar “perder tempo” com uma criança que não aprende no tempo que esse adulto considera tolerável – que provavelmente não é muito.

“Criança não entende”

As crianças passam por fases em seu desenvolvimento psicológico e neuronal e, muitas vezes, os pais exigem da criança algo que ela ainda não tem maturidade neurológica para responder conforme sua expectativa. Por exemplo: gritar com uma criança de dois anos “Não põe o dedo na tomada!”, ela não vai entender exatamente o que se espera dela. Neste caso, a criança precisa ser afastada da exposição do perigo e ensinada que colocar o dedo na tomada “faz dodói”, por exemplo. Com uma criança a partir dos três anos já é possível uma argumentação mais complexa. É importante que os pais conheçam essas fases de desenvolvimento para que possam adaptar a própria



linguagem à necessidade do momento, a fim de colaborar para a compreensão da criança, independente de sua idade.

“Decisões são tomadas por adultos, não por crianças”

O envolvimento das crianças nas tomadas de decisões é uma das peças do que Nelsen (2016) chama de “quebra-cabeça” dos princípios da Disciplina Positiva. Ou seja, é muito mais fácil obter a cooperação da criança, mesmo no cumprimento de regras ou estabelecimento de limites, quando a criança é envolvida no processo de decisão, além dela aprender respeito mútuo e responsabilidade.

É importante, segundo a Disciplina Positiva, que a criança faça parte da criação de regras e da busca de soluções quando algum conflito estiver em curso. Nelsen (2016, p.108) também destaca as “disputas de poder” em que, muitas vezes, os adultos entram com as crianças, perdendo o controle da situação. Nesse caso, Nelsen sugere, dentre outras coisas, que se permita que a criança seja ouvida e envolvida no processo de solução, podendo escolher entre opções (limites) propostos pelo adulto. É necessário que o adulto não tente, simplesmente, vencer a disputa com a criança, afinal, isso não vai ensinar nada a ela, apenas irá endossar os sentimentos de vingança.

“Bater resolve o problema na hora”

A própria Jane Nelsen (2016, pp. 38-39) assume que utilizar-se de punição faz a criança mudar de comportamento imediatamente. E esse é um dos principais desafios para os pais passarem a adotar a Disciplina Positiva como método de educação. Porém, a punição não auxilia na consciência e compreensão das consequências das ações e nem favorece no desenvolvimento das habilidades socioemocionais desejáveis para o desenvolvimento infantil a longo prazo.

“Eu (adulto) estou sempre certo”

Uma das questões que influenciam para o uso das estratégias violentas de disciplina, principalmente infantil, é que, muitas vezes, os pais não estão dispostos a reconhecer sua parcela de responsabilidade no mau comportamento dos filhos, afinal, numa disputa de poder ou discussão, é muito mais fácil “jogar a culpa” no outro. Se é uma criança que, dependendo da idade e do grau de desenvolvimento emocional, ainda não possui o controle de suas reações, é ainda menos provável que um adulto pouco conscientizado opte pela autorreflexão e adote sua responsabilidade nesse processo. Nelsen (2016, p.125) encoraja os adultos a refletirem se eles próprios não estão com objetivos equivocados (como atenção indevida ou poder mal dirigido) e a buscarem a mudança de seu comportamento antes de exigirem comportamentos idealizados das crianças.

Benefícios da disciplina positiva como método eficaz de educação

A base da Disciplina Positiva está em obter um equilíbrio entre permissividade e autoritarismo, dando a oportunidade para as crianças obterem a crença de que são capazes. Sem dúvida, uma criança encorajada, será um adulto seguro no futuro, com características essenciais como: autodisciplina, cooperação, habilidades para resolução de problemas e responsabilidade (LACERDA, [2019?]).

Dessa forma, Jane Nelsen (2016) afirma que para que as crianças desenvolvam responsabilidade é preciso que haja um equilíbrio entre permissividade e rigidez e controle. Elas são capazes de desenvolver responsabilidade quando lhes é dada a oportunidade de aprender habilidades sociais e de vida para que desenvolvam um bom caráter e isso se dá dentro de um ambiente onde se obtém gentileza, firmeza, respeito e dignidade.

Pensa-se que a maioria dos pais deseja para seus filhos qualidades essenciais para que sejam adultos responsáveis e de um bom caráter. Entretanto, é inegável que o uso de punições e violência não só não solucionam o mau comportamento, como também criam adultos inseguros e



infelizes que, na maioria dos casos, irão repetir o padrão de violência em seus relacionamentos futuros. Nelsen (2016, p.50) considera que

se você se interessar por verificar as pesquisas sobre os efeitos em longo prazo da punição, irá descobrir que esta ensina violência, dissimulação, baixa autoestima e muitas outras habilidades negativas. À medida que estudar os métodos da Disciplina Positiva, você irá perceber que todas as ferramentas disciplinares não apenas interrompem o mau comportamento; elas também ensinam habilidades sociais e de vida para desenvolver um bom caráter.

112

Seguindo os princípios da Disciplina Positiva, as crianças serão capazes de desenvolver as seguintes percepções e habilidades significativas:

1. Forte percepção das habilidades pessoais – “Eu sou capaz.”
2. Forte percepção sobre sua importância nas relações primárias – “Eu contribuo de maneira significativa e sou genuinamente necessário.”
3. Forte percepção de seu poder ou influência pessoal sobre a própria vida. – “Eu posso influenciar as coisas que acontecem comigo.”
4. Forte habilidade intrapessoal: habilidade de entender suas próprias emoções e de usar esse entendimento para desenvolver autodisciplina e autocontrole.
5. Forte habilidade interpessoal: habilidade de trabalhar com os outros e desenvolver amizades por meio de comunicação, cooperação, negociação, troca, empatia e escuta ativa.
6. Forte habilidade sistêmica: a capacidade de lidar com os limites e consequências a vida cotidiana com responsabilidade, adaptabilidade, flexibilidade e integridade.
7. Forte habilidade de avaliação: habilidade de usar a sabedoria para avaliar as situações de acordo com valores apropriados (NELSEN, 2016, p.32).

É importante ter em mente que essas habilidades e percepções vão sendo construídas à base de muitas tentativas, com acertos e erros. Mas faz parte do método da Disciplina Positiva ver os erros como oportunidades de aprendizagem, não servindo apenas para as crianças, mas também para os pais. Para muitos, são conceitos muito diferentes das práticas de longos anos de parentalidade, merecendo dedicação e firmeza, mas também gentileza e encorajamento consigo mesmo. Desta forma, benefícios a longo prazo podem



ser obtidos, com melhorias significativas tanto na educação das crianças, quanto no seu desenvolvimento psicossocial e no ambiente familiar e nos diversos contextos ao qual são apresentadas no decorrer de suas vidas.

Considerações finais

113

O ciclo de educação com base em palmadas e outros tipos de violência física, agressões verbais, gritos e ameaças é muito utilizado por pais que também sofreram esse tipo de educação, ou seja, é um costume que pode se estender de geração em geração. Além disso, esses pais e mães acreditam não ter outra alternativa a não ser educar com violência, já que consideram que sem violência estão sendo permissivos demais. A disciplina positiva mostra que a educação sem violência não significa, necessariamente, ser permissivo, mas sim, é uma forma de educar que encontra um equilíbrio entre a permissividade e o autoritarismo, respeitando sempre a criança, da mesma forma que respeita-se um adulto. Compreender o que está por trás do mau comportamento é imprescindível para que assim, o adulto tome as rédeas da situação. Ao agredir física e psicologicamente, o adulto não ensina nada a longo prazo e, além disso, está colaborando para a criação de uma pessoa insegura, triste, com baixa autoestima e sem as habilidades e competências que podem lhe trazer benefícios nos diversos âmbitos de sua vida. É imprescindível que o adulto seja o responsável por ajudar a criança na sua própria regulação emocional e é através de métodos não violentos, tais como a disciplina positiva, que essa auto regulação será desenvolvida e demonstrada de forma eficiente para as crianças.

Enfim, crianças compreendidas e auxiliadas com amor e respeito, tendem a se tornar adultos responsáveis, empáticos e seguros. Crianças educadas sem violência são crianças que cooperam, já que não precisam se comportar mal para conseguir a atenção de que necessitam. São crianças que aprenderam a forma mais adequada de agir e não apenas foram punidas por agir inadequadamente.

Apesar deste artigo ter focado na educação infantil, o método de Disciplina Positiva pode ser satisfatoriamente aplicado também com



adolescentes, afinal, estes também estão em desenvolvimento e podem ser beneficiados pelos princípios abordados por Jane Nelsen. Além disso, os conceitos e princípios são aplicáveis tanto em contextos familiares quanto escolares.

Sugere-se que sejam realizadas mais pesquisas, inclusive abordando estudos de casos em que a Disciplina Positiva é aplicada, a fim de que possa haver mais comparações a nível prático, além do que foi apresentado por Jane Nelsen no desenvolvimento do método. Disponibilizar mais estudos em forma de artigos sobre a temática também pode contribuir na divulgação e amplificar o conhecimento de profissionais envolvidos com educação infantil e, principalmente, de pais e cuidadores que buscam uma forma mais respeitosa de educar seus filhos e filhas.

Referências

BOECKEL, Mariana G. et al. Família, estresse e aspectos cognitivos: um modelo desenvolvimental. *In*: FUMAGALLI, Jerusa; HAASE, Vitor G.; MALLOY-DINIZ, Leandro F. (Org.). **Neuropsicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2016. Cap. 19.

BRASIL. **Lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014**. Altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para estabelecer o direito da criança e do adolescente de serem educados e cuidados sem o uso de castigos físicos ou de tratamento cruel ou degradante, e altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13010.htm>. Acesso em: 16 mai. 2020.

HORTA, Ricardo de Lins e. Neurociências e políticas públicas para a infância e a adolescência. *In*: FUMAGALLI, Jerusa, HAASE, Vitor G.; MALLOY-DINIZ, Leandro F. (Org.). **Neuropsicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. Porto Alegre: Artmed, 2016. Cap. 21.

LACERDA, Mariana. **Disciplina positiva: o caminho saudável para criar conexão verdadeira e educar as crianças com amor e respeito**. [S. l.: s. n.], [2019?]. E-book.

MACANA, Esmeralda C.; COMIM, Flávio. O papel das práticas e estilos parentais no desenvolvimento da primeira infância. *In*: PLUCIENNIK, Gabriela A.; LAZZARI, Márcia C.; CHICARO, Marina F. (Org.). **Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco**. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal – FMCSV, 2015. Cap. 2. pp. 34 -



47. Disponível em:
<http://agendaprimeirainfancia.org.br/arquivos/Fundamentos_Familia.pdf>.

NELSEN, Jane. **Disciplina positiva**. 3. ed. Barueri: Manole, 2016.

PIZZANI, Luciana et al. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 10 jul. 2012, 10, n. 2, pp. 53-66. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em:
<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. E-book.

SENA, Ligia S.; MORTENSEN, Andreia C. K. **Educar sem violência: criando filhos sem palmadas**. [S. l.]: Papyrus, 2015. E-pub.

Sobre os autores

Mariana Souque Soares

marianasouque@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8579-0248>

Acadêmica de Psicologia. Universidade Franciscana, Brasil

Rudielly Moraes Machado Marques

rudiellymarques@unesc.net

<https://orcid.org/0000-0002-6611-695X>

Acadêmica de Psicologia. Universidade Franciscana, Brasil

Letícia Soares

leticia.s@ufn.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-2303-6244>

Acadêmica de Psicologia. Universidade Franciscana, Brasil

Janáina Pereira Pretto Carlesso

janapcarlesso@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-8488-1906>

Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde UFSM. Docente do curso de Psicologia e do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (UFN)

